

António Braz Teixeira – *A Teoria do Mito na Filosofia Luso-Brasileira Contemporânea*, Edições Zéfiro, Sintra, 2014, 164 p.

Saiu recentemente a lume esta obra de um incontornável autor do pensamento português e de expressão lusófona contemporâneos.

Vem na linha de um intenso labor de aprofundamento e sistematização das linhas essenciais do nosso pensamento, dando continuidade a obras como: *Deus, o Mal e a Saudade: Estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*; *Ética, Filosofia e Religião: Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*; *A Experiência Reflexiva – Estudos sobre o pensamento luso-brasileiro*; *Eduardo Abranches Soveral – O pensador, o filósofo, o humanista*; *Harmonias e Dissonâncias – Estudo sobre o pensamento filosófico de António José de Brito*; *A Filosofia da Escola Bracarense*; *Pinharanda Gomes – A obra e o pensamento*, entre outras.

Neste mais recente volume o autor revisita e estuda detalhadamente a temática do Mito e seus adjacentes, no âmbito da filosofia da religião, em relação aos autores portugueses contemporâneos que sobre o tema mais se detiveram.

Tomando aqui como primeira referência Amorim Viana (1822-1901), já este considerava ser o estudo dos mitos "tarefa árdua e embaraçosa", pois se refere a algo que, tendo sempre "o que quer que é de misterioso", se furta à reflexão, tornando-se inexplicável (*Introdução*).

No entanto, segundo o filósofo português, seria de afastar a hipótese de uma criação intencional subjetiva do mito, pois, existindo um certo carácter de necessidade na sua criação, nele a *ideia* e o *facto* se encontram de certo modo unidos e incorporados, tendo aqueles que os criaram agido por impulsos que estavam além ou aquém da sua consciência. Assim, e citando o nosso autor, segundo Amorim Viana "o mito caracterizar-se-ia, por um lado, por uma certa necessidade na sua formação e, por outro, por aqueles que o produzem ignorarem o seu carácter mítico" (p. 12).

Segundo o filósofo-matemático, o carácter impulsivo e inconsciente que está na base da criação dos mitos torna difícil a sua leitura pela psicologia contemporânea, dominada por um racionalismo crítico característico da época em que ele viveu e que, de certo modo, nós ainda vivemos.

Numa perspetiva complementar, Cunha Seixas (1836-1895) desenvolve todo um trabalho de refundação epistemológica sobre os estudos que abordam o mito, estabelecendo relações e delimitando campos reflexivos entre a *teodiceia*, a *filosofia da religião* e a *mitologia comparada*.

Num lugar e função de destaque a *filosofia da religião* engloba, quer um corpo doutrinário estabelecido por uma certa autoridade, quer o conjunto das doutrinas filosóficas que decorrem de elementos permanentes da natureza humana, e que conduzem à adoração de um ente supremo, cuja base residiria no próprio *crer humano* de que, sendo superior e transcendente, orientaria o destino do homem *revelando-lhe uma vida futura, imortal e superior à terrena* (p. 13).

Dirigindo a reflexão para esse *símbolo da vida universal*, a filosofia da religião, percorrendo os mitos enquanto seu objeto, conduz-nos à conceção universal de princípios simples e únicos, que, apesar da sua diversidade espaço-temporal, nos transportam ao reconhecimento, quer da *unidade de Deus*, quer da *unidade da humanidade* (p. 14).

Poderíamos dizer que estes dois autores, juntamente com Silvestre Pinheiro-Ferreira, constituem um *pórtico* através do qual penetramos no pensamento de um conjunto de autores que nos garantem uma panorâmica da reflexão luso-brasileira sobre o mito na transição do século XIX para o século XX e no próprio século XX.

Assim, e nesta sucessão, António Braz Teixeira convoca-nos para detalhadas reflexões sobre: o positivismo crítico de Teófilo Braga, abrindo a sociologia ao estudo do mito e das origens da religião; a profunda unidade que Oliveira Martins estabelece entre mito e religião; a exploração da dimensão simbólica do mito em Aarão de Lacerda; o relevo dado por Teixeira Rego à dimensão narrativa e dramática, permitindo unir mito e rito; a matriciação etnológica e antropológica do mito em Agostinho da Silva; a exploração da dimensão ontoestética do mito em Almada Negreiros; a radicação de todo o universo mítico-religioso no *ser originário* em José Marinho; a definição do mito como exegese simbólica e enunciação da sua continuidade na filosofia em Eudoro e Sousa; o mito como palavra original e fundadora em Vicente Ferreira da Silva; a definição dos *mitologemas* como unidades simbólicas constitutivas do mito em Adolpho Crippa; a definição do sagrado como conceito anterior ao de Deus e do divino em Gilberto de Mello; a ontologia linguística na definição de um sistema de símbolos em Vilém Flusser; o mito como *interrogação inicial, indefinida suspensão* em Virgílio Ferreira; a perspetiva junguiana de António Quadros, remetendo o mito para o inconsciente individual e coletivo; o mito como *arquétipo sagrado e revelação primordial* em Dalila Pereira da Costa; finalmente, o mito como intuição da realidade e projeção dos desejos e temores humanos em Urbano Zilles.

Esta enunciação quase emblemática, e que mais não pretende do que esboçar um prévio roteiro para o leitor, não nos deve fazer esquecer que estamos perante uma obra que, dotada do rigor histórico-crítico a que o autor nos habituou, na sua abrangência e profundidade, se constitui como um novo marco nos estudos sobre o mito emergentes do pensamento luso-brasileiro.

José Acácio Castro